

SUSANNE
JANSSON

O PÂNTANO
DOS
SACRIFÍCIOS

**ÊXITO
INTERNACIONAL
IMEDIATO**

Vendido para 26 países

TOP
SEL
LER

*Diz-se que há dez mortos para cada pessoa viva.
Um tal peso deixa-nos tensos.*

GÖRAN DAHLBERG

*Aquilo que não existe
imiscui-se em tudo
e toma o seu lugar.*

ANN JÄDERLUND

À Alma e ao Edvard

SERIA UM ERRO AFIRMAR-SE que ninguém viu nada; que ninguém ouviu nada. Foram, claro, muitas as testemunhas que, nessa noite, ouviram os disparos ecoar e entreviram, em seguida, um vulto escapulir-se da casa para o carro.

É possível que as testemunhas tivessem, depois, seguido o seu caminho, os seus afazeres. No entanto, é também possível que tenham visto o que aconteceu quando a polícia chegou e se retiraram os cadáveres do interior da casa. Contudo, nada disseram. Saltitavam pelos arbustos, descansavam nas árvores ou pairavam no ar. Viviam totalmente imersas na natureza, eram amiúde invisíveis às pessoas. Talvez fossem todas elas animais: grandes ou pequenos, rápidos ou lentos, de olhar aguçado ou quase cegos.

Fosse como fosse, a verdade sobre o que aconteceu naquela casa depressa se dispersou e desapareceu.

Exatamente como acontece a muitas outras coisas.

PRÓLOGO

LEVANTOU-SE UMA VENTANIA com o aproximar da noite. Ao início, o vento fez estremecer ligeiramente as copas das árvores, mas depressa começou a adquirir força, cada vez mais força. Por fim, empurrava e arrastava tudo aquilo com que se deparava. A noite cairia por completo daí a pouco mais de meia hora.

No parque de estacionamento diante da casa senhorial, Johannes desmontou da bicicleta; depois, encostou-a a um candeeiro de rua. Passou um elástico pelo cabelo escuro e prendeu-o num rabo de cavalo. O tempo estava horrível. Uma pessoa normal jamais sairia para fazer jogging com um temporal daqueles.

Mas, enfim, ele não era normal.

Ao prender a bicicleta com uma corrente, olhou de relance para a cabana de Nathalie. A chama do candeeiro a petróleo bruxuleou numa das janelas, permitindo que a visse cirandar pela divisão. As sombras lentas e fugidias dançavam nas paredes.

Sombras tão fugidias quanto ela.

Nathalie dormira com ele algumas noites antes. No entanto, quando Johannes acordou de manhã, ela já abalara. A cama estava vazia.

É certo que lhe dissera que tinha de se levantar cedo no dia seguinte; porém, ele não deixara de se sentir desiludido. Haviam passado uma bela noite juntos e ela fora-se embora

sem dizer uma única palavra. Sem sequer escrever um bilhete de despedida.

Nathalie partira abruptamente porque decerto receava eventuais momentos de intimidade, pensou ele ao fazer alongamentos. Sentira-se vulnerável e, sem dar justificações, fugira. Uma explicação plausível para quem gostar de brincar aos psicólogos.

Chovia agora copiosamente e a ideia de desistir da sua corrida pareceu-lhe mais apelativa. Sabia que não estava vestido de modo adequado; contudo, raras vezes o estava. Nunca prestara a mínima atenção às previsões meteorológicas, porventura porque a sua mãe se encontrava no extremo oposto. Uma peça de roupa para cada grau no termómetro, uma indumentária especial para cada ocasião. Passara a infância a vestir, a ajustar e a mudar de roupa para que nem uma única gota de chuva nem uma rajada de vento gélido penetrassem as diversas camadas.

Agora, em adulto, sentia-se por vezes feliz quando, por mero acaso, se molhava ou apanhava frio.

Começou a correr rumo ao trilho e virou à direita, desviando-se da cabana de Nathalie. Tinha a floresta de um lado e do outro, uma turfeira; uma paisagem a que se afeiçoara bastante, pois adorava a vastidão desolada, a vegetação rasteira e cinzenta. Que parecia ainda mais implacável e fantástica sob a chuva e o vento fortes.

Recordou-se do inverno e do gelo branco sobre a turfa. A paisagem adquirira algo de sobrenatural, era frágil e atraente. Jamais vira algo assim. A dado momento, um alce enorme aparecera do nada e abrira caminho sobre as poças de gelo, que se desfizeram em mil pedaços com um retinido semelhante ao de um triste repicar de sinos. Agora, o som monótono dos seus passos parecia o de pancadas furiosas, como se, com persistência e de forma mecânica, abrisse caminho à martelada.

Findo o primeiro troço, o caminho serpenteante deu lugar a uma reta comprida que conduzia à antiga mina de extração de turfa. De vez em quando, vislumbra ainda a estrada, pois o seu

traçado era paralelo ao do caminho, e em breve avistou o parque de estacionamento do pântano. Encontrava-se vazio. Raramente via alguém naquela zona, que, no anoitecer em causa, com o vento a embater-lhe no rosto, lhe pareceu ainda mais deserta.

Havia, espalhados por toda a área, passadiços estreitos de madeira que atravessavam o pântano. Ponderou, por um momento, fazer um desvio por um dos passadiços e, assim, cortar caminho. Porém, reparou que as tábuas estavam escorregadias. Pareceu-lhe demasiado arriscado. Bastava perder o equilíbrio para...

— Ai!

Embora tivesse corrido por ali tantas vezes a ponto de conhecer todas as raízes e todas as elevações como a palma das suas mãos, assentou mal o pé numa rocha. A dor perpassou-lhe a perna e aliviou de repente, para logo regressar com toda a intensidade.

Caramba!

Saltitou num só pé e tentou encontrar algo a que se apoiar; no entanto, acabou por tombar no caminho.

O pé doía-lhe imenso. O vento e a chuva puxaram-lhe as roupas com tal intensidade quando se tentou levantar, que não conseguiu exercer força sobre o pé.

Esperou um pouco mais, de modo a ver se a dor aliviava. Entretanto, amaldiçoou-se por ter deixado o telemóvel em casa. Como conseguiria regressar à casa senhorial se só conseguia usar uma perna?

Não faltavam arbustos ao longo do caminho, e ocorreu-lhe que talvez pudesse arrancar alguns ramos mais fortes e improvisar um par de muletas. Pareceu-lhe boa ideia, mas teve de a descartar algum tempo depois, pois os ramos que encontrou não eram robustos o suficiente.

Após percorrer vários metros no trilho — ora saltando, ora arrastando-se —, olhou para o pântano. Foi então que reparou.

Parara de chover. E o vento também amainara. O silêncio era absoluto, nada bulia.

Que estranho.

A Lua surgiu de detrás das nuvens, no céu escuro, iluminando as farripas de nevoeiro que se deslocavam lentamente acima do solo húmido.

Julgou ouvir um ruído. Seria o vento? Ou talvez um animal? Assemelhava-se quase a um gemido. A um choro débil.

Então, viu um brilho ao fundo do caminho.

Uma lanterna. Alguém estava a caminhar na sua direção!

— Ei! Consegue ver-me? — perguntou ele.

Não obteve resposta.

— Preciso de ajuda — prosseguiu. — Magoei-me...

O brilho aproximou-se mais. E mais. Por fim, encandeou-o; Johannes viu-se obrigado a cobrir os olhos com a mão.

— Ei! Então?

Nesse instante, apontaram a lanterna para outro local e ele recuperou a sua visão normal.

O que é que se está a passar?, conseguiu, ainda, pensar.

E, depois, surgiram as trevas.

1

TRÊS SEMANAS ANTES

TRUZ-TRUZ-TRUZ.

Nathalie acordou sobressaltada. Levou os dedos às têmporas para que as pancadas parassem de lhe ressoar na cabeça.

Truz-truz-truz.

Truz-truz-truz.

Olhou de relance para o relógio-despertador e constatou que só teria de se levantar daí a duas horas. No fundo, era o costume. De nada adiantava tentar adormecer de novo.

Nunca valia a pena.

Sentou-se na beira da cama e tentou lembrar-se se lhe faltava fazer alguma coisa.

Não. Tinha a casa limpa e havia guardado a maior parte dos seus pertences. As malas que ainda não se encontravam no carro estavam feitas e empilhadas no corredor. Estava tudo pronto.

Tomou um duche e comeu o pequeno-almoço de pé tentando deixar o espaço tão arrumado quanto possível. Escreveu um bilhete para o hóspede que ocuparia o apartamento na sua ausência, pousando-o na mesa da cozinha.

*Deixei algumas coisas no frigorífico. Talvez as queira usar.
O e-mail que lhe enviei ontem tem o número da conta para*

onde deve transferir o valor da renda. Espero que a estadia seja do seu agrado.

Cumprimentos,

Nathalie

A rua estava deserta e em silêncio: um domingo típico. Pôs a última mala na bagageira do carro, sentou-se ao volante e fez-se ao caminho.

Dirigiu-se para norte, saindo de Gotemburgo pela estrada 45. Abandonou a cidade antes de esta acordar. Como se se escapulisse de uma casa estranha depois de uma noite de sexo descomprometido.

Pouco depois, parou numa estação de serviço para encher o depósito, tomar um café e comprar algumas coisas de que necessitaria nos primeiros dias. Prosseguiu viagem. E a paisagem não tardou a alterar-se. Escureceu, tornou-se mais profunda.

Não deixava de ser incrível como bastavam algumas horas para voltar tantos anos atrás no tempo. Para regressar àquela terra de lagos e florestas. Ao seu verdadeiro lar.

Sentira-se sempre deslocada na grande cidade costeira. O mar revoltado, volátil, traiçoeiro. Nunca se adaptara às pessoas que, volta e meia, saíam para velejar, que gostavam de rochedos nus e do horizonte, que idolatravam o Sol e desejavam que o tempo se apresentasse sempre o mais quente possível. Era como se esperassem o mesmo dela, como se procurassem nela uma certa descontração e um entusiasmo natural que ela, na verdade, jamais tivera, mas que, em parte, aprendera a fingir ter.

Sentia que o mar, em virtude de um mero reflexo, ansiava por cuspi-la de volta à terra sempre que, no verão, punha os pés no granito quente de Bohuslän e entrava na água para nadar um pouco. Como se o mar soubesse que ela não pertencia aos seus domínios e a rejeitasse.

Agora, a chuva fraca de setembro embatia no para-brisas do carro. Uma chuva hesitante, silenciosa. Como se o outono chegasse em bicos de pés e não quisesse incomodar ninguém.

Vem, pensou ela. Vem de uma vez.

Cai sobre nós, sem medo.

Fá-lo-emos juntos.

Nathalie passou pelas saídas para Åmål e virou para Fengerskog. Sentiu uma onda de irrealidade envolvê-la, tão súbita quanto poderosa, e ponderou sobre o que estava prestes a fazer. O que se preparava para desencadear. Ao mesmo tempo, apercebeu-se de que estava próxima do seu destino, e que era tarde demais para voltar atrás.

Abrandou diante da escola de Artes e da antiga fábrica — sabia que, hoje em dia, esta estava ocupada por estúdios, galerias e oficinas criativas. No cruzamento, onde outrora existia somente uma pequena mercearia, deparou-se com uma padaria e um café, e viu jovens com sacos de lona a beber os seus *lattes* matinais ou copos altos de chá. Em seguida, os edifícios desapareceram para dar lugar à floresta e, algum tempo depois, a estrada desembocou na avenida ladeada por bétulas que conduzia à casa senhorial.

Encontrou alguns carros estacionados no terreiro de gravilha. Saiu do carro sem pegar na bagagem e encaminhou-se para a entrada principal da casa.

Tratava-se de um edifício imponente com quatro torres, fachada de reboco branca, telhado de um tom de verde semelhante ao dos rebentos das tílias, e janelas grandes voltadas para todas as direções. Como era habitual nestas casas senhoriais, fora construída sobre uma pequena elevação. Os solares estão também, amiúde, voltados para uma paisagem atraente, como um lago bonito ou colinas suaves.

Este solar era, contudo, diferente. Rodeava-o um cenário modesto, sereno. Uma vasta paisagem de cores esbatidas, pinheiros

curvados e terreno pantanoso. Uma terra que o Sol parecia não alcançar, uma paisagem que jamais secava. Que chorava continuamente, que nunca cessava de gemer.

E ela regressara por sua vontade.

— É a Nathalie quem vai arrendar a cabana?

A supervisora da propriedade apresentou-se como Agneta. Usava um cafetã bege com borlas tricotadas. Não é, pois, de admirar que esta indumentária lhe fizesse o corpo entroncado parecer uma coluna. O cabelo loiro-escuro caía-lhe sobre os ombros e usava repas à frente.

— Sim, sou eu.

O marido estava mesmo atrás dela, era cerca de 30 centímetros mais baixo e trazia vestido um fato escuro; os seus olhos nervosos perscrutavam a divisão.

Gustav, pensou Nathalie. *Tal qual um guarda-costas. Exatamente como os recordava.*

— Assim sendo, quero dar-lhe as boas-vindas à quinta de Mossmarken. Espero que tenha noção de que está a arrendar uma simples casinha de madeira. É sobretudo usada durante a época de verão.

— Sim, não há problema. Mas tem aquecimento, certo?

— Duas lareiras e um frigorífico a gás. Só isso. Pode ir buscar água à nossa cave e carregar o telemóvel, o computador e outros aparelhos no nosso escritório. Tem um chuveiro e uma casa de banho no corredor do andar de cima. Há também uma casa de banho nas traseiras da cabana. Que mais... — disse ela, e pareceu refletir. — Ah, pois, a bicicleta. Pode levar uma bicicleta antiga emprestada, se quiser. De onde é que é, já agora?

— Moro em Gotemburgo.

Nas paredes do vestíbulo, estavam expostos antigos retratos de senhoras elegantes com vestidos enormes e senhores orgulhosos com uniformes militares. Em criança, cativavam-na, em especial

um dos quadros. O quadro que representava Sofia Hansdotter, mulher de um dos proprietários da quinta no final do século XIX. Lembra-se do vestido verde-ervilha e do olhar melancólico de Sofia.

Dizia-se que perdera sete dos seus oito filhos. Que era louca. Que, em segredo, asfixiara os filhos e, depois, pedira ao marido para os enterrar no pântano junto à quinta. Porque queria tê-los perto de si, dissera ela. O marido fizera-lhe a vontade, de maneira a não lhe ferir ainda mais o coração destruído. Até que, um dia, quando o oitavo filho acabara de nascer, percebeu, num momento de clarividência repentina, porque é que todos os filhos tinham morrido, e decidiu retirar o rapaz recém-nascido à mãe. Diz-se que, então, Sofia se terá dirigido para o local onde enterrou os filhos, que terá entrado no pântano e desaparecido.

Ninguém fizera nada para a salvar.

O oitavo filho crescera e tornara-se um homem forte e saudável que, mais tarde, tomara posse da quinta. Tratava-se do bisavô de Gustav, o atual dono.

— Eu e o Gustav tomamos conta da quinta há mais de 35 anos, antes disso pertencia aos pais dele — continuou Agneta num tom que indicava não ser aquela a primeira vez que contava a história da quinta. — A propriedade pertence à família do Gustav desde o século XVII. Pode ver todos os antepassados representados nestes quadros.

Fez um gesto abrangente com a mão.

Nesse mesmo instante, uma mulher desceu do andar de cima.

— Aqui está a nossa cozinheira, a Jelena, que faz a melhor pescada fumada deste lado do lago Vänern. Fica já a sabê-lo, caso queira comer conosco alguma vez.

Jelena era pálida e magra, muito diferente da imagem estereotipada de uma cozinheira rechonchuda.

— E este é o Alex, o faz-tudo da casa — disse Agneta quando um homem alto e musculoso assomou à porta. — Pode chamá-lo se precisar de consertar algo.

Alex parou, focou o olhar algures nos candeeiros do teto e fez um pequeno aceno. Em seguida, continuou a dirigir-se para as divisões traseiras.

— Se tiver alguma dúvida, eu e o Gustav estamos disponíveis todos os dias úteis, entre as 9 e as 16. Na maior parte das vezes, encontra-nos ali, no escritório. Desde que, claro, não estejamos em cima de um escadote a pintar a porta de um celeiro ou a consertar um trator avariado, ou algo do género. Nas restantes ocasiões, encontra-nos provavelmente na ala leste, onde residimos. Também nos pode contactar fora das horas de expediente. — Fez uma pausa e continuou: — Acho que já lhe transmiti o mais importante. Costumamos dizer que estamos na época baixa, não se passa nada de especial por aqui. Está cá para fazer algo em específico, se não se importa que lho pergunte?

— Sim, estou a trabalhar na minha tese de doutoramento. Uma tese sobre a influência do aquecimento global no processo de decomposição em terrenos pantanosos. Sou bióloga.

— Compreendo. — Agneta sorriu e apontou para as janelas. — Então veio para cá por causa do pântano. Interessante.

— Sim, estava a pensar fazer algumas experiências de campo, as últimas.

— Este pântano é especial — continuou Agneta. — Dizem que, no passado, era aquilo a que se chamava um pântano de sacrifícios.

— Pois.

— Se calhar já ouviu falar sobre isso, não? Pelos vistos, enterraram aqui diversas oferendas aos deuses na Idade do Ferro. Incluindo pessoas, na verdade. Temos brochuras no escritório onde se explica isso tudo. Encontraram um desses corpos aquando da mudança de milénio, um corpo do ano 300 a. C. Está agora em exibição no Museu de História Cultural de Karlstad.

Nathalie anuiu.

— Pois, acho que sei de que se trata...

— A Rapariga do Arando — concluiu Agneta.

— Certo — disse Nathalie.

— É assim que é conhecida a rapariga que eles encontraram. Mas, por falar no pântano, espero que tenha cuidado quando andar por aí. Alguns locais são muito lamacentos e as tábuas dos passadiços estão muito escorregadias nesta altura do ano. Mas suponho que esteja habituada, claro.



A cabana perto da casa senhorial era composta por um quarto e uma cozinha. A cozinha tinha uma bancada com um lava-louça sem torneira, um grande fogão a lenha e uma zona de refeições com um banco corrido e duas cadeiras. O quarto estava mobiliado com um simples estrado de cama assente em quatro pés, um guarda-roupa, uma secretária muito modesta, duas poltronas antigas e uma mesinha dispostas diante da lareira.

O frio do inverno penetrava nas grossas paredes de madeira. A casa apresentava um ambiente agreste, mas cheirava a lavado e a ar fresco.

Num dos cantos, estava um espelho grande apoiado na parede. Nathalie sentou-se no chão, de pernas cruzadas, e observou o seu rosto. Admirava-se sempre por parecer ter muito mais energia do que aquela que verdadeiramente sentia. Continuava a usar o mesmo corte que um cabeleireiro famoso lhe sugerira 11 anos antes, quando Nathalie se preparava para uma sessão fotográfica, embora cortasse o seu cabelo cor de areia apenas uma vez por ano — simples, de comprimento médio, os cabelos soltos, um penteado fácil de manter.

Quando tinha 18 anos, fora «descoberta» à saída de um cinema. Haviam-lhe oferecido um contrato de modelo, embora fosse na verdade demasiado baixa — um fechar de olhos pelo qual devia, pelos vistos, sentir-se imensamente grata.

Ela acabara o secundário e esperava ganhar algum dinheiro fácil, mas não aguentara a pressão. Não suportava a laca do cabelo que lhe irritava o nariz nem os pincéis de maquilhagem que lhe

passavam pelo rosto, nem as ordens que lhe gritavam diante da máquina fotográfica, ordens bastante bruscas que supostamente a levariam a irradiar algo *excepcional* — conquanto nunca tenha descoberto que coisa excepcional era essa. Dois meses depois, fartara-se.

Dessa atividade totalmente secundária na sua vida retirara apenas o penteado. Afinal, exigia-lhe poucos cuidados e ajudava-a a manter uma aparência agradável, que lhe convinha por razões meramente práticas: mantinha as pessoas que a rodeavam satisfeitas e apenas preocupadas com o que acontecia à superfície.

Na entrada, encontravam-se dois jarros de água e um grande cesto de vime. Começou por acender o lume no fogão e na lareira, e depois tirou as compras dos sacos e guardou a roupa no armário. Por fim, desenrolou um grande mapa da área, afixou-o à parede junto à secretária, calçou os chinelos e vestiu uma camisola grossa.

Deu algumas voltas pela casa, para se orientar. O fogão começou a dar estalidos e a largar tanto fumo, que teve de abrir uma janela.

Algum tempo depois, tudo parecia estar a funcionar. Aqueceu uma embalagem de *tortellini* que tinha comprado na estação de serviço e comeu uma fatia de pão com queijo de barrar.

A casa tinha um pátio nas traseiras cercado por roseiras-bravas demasiado grandes e, à frente, duas espreguiçadeiras de madeira. Alguns metros atrás destas encontrava-se o trilho que serpenteava em redor do pântano.

Nathalie vestiu o casaco, sentou-se cuidadosamente numa das espreguiçadeiras e observou a paisagem. Pareceu-lhe que nada mudara, que tudo permanecia como sempre fora não só durante os últimos 15 anos, mas durante séculos, desde tempos imemoriais. Os pinheiros nodosos, cinzentos. As poças de água que, como olhos, pestanejavam entre tufo de erva verde e húmida. Uma sensação de se estar em casa no meio da desolação numa

paleta de cores muda, as flores brancas sobre os seus caules esguios cor de ferrugem.

Ouviu o canto do maçarico-real, semelhante ao som de uma flauta, ecoar nos céus, embora a ave tivesse há muito migrado para fugir ao inverno. Ouviu-o, embora não ouvisse esse canto tão alegre há muito tempo — adorava o seu tom exibicionista antes de tudo mudar, antes de, na sua memória, esse canto se transformar em gargalhadas desdenhosas e trocistas, um tom ameaçador que a avisava do que estava para vir.

Ao ponderar no que estava prestes a sujeitar-se, sentiu-se ousada, quase temerária. Era como se, apesar de não estar propriamente preparada, tivesse cruzado uma linha por mero impulso. Ao olhar para oeste, viu os postes de alta tensão acima da folhagem. Eram os mesmos postes que passavam diante da janela do seu antigo quarto, aqueles que haviam servido de ponto de referência e salvação sempre que se perdia por ali. Uma ideia quase incompreensível ocorreu-lhe: se seguisse os postes e os cabos elétricos, acabaria por chegar ao local onde tudo começara e acabara.

AINDA ESTAVA ESCURO LÁ FORA quando acordou após a primeira noite passada na cabana. A escuridão era um dos poucos sinais de outono de que ela não gostava. As manhãs escuras, os entardeceres escuros, a luz a diminuir a cada dia que passava. Nesse aspeto, o verão era mais agradável, pois às quatro da manhã — a hora a que as pancadas na sua cabeça a acordavam — o dia já começara. A luz solar ajudava-a a livrar-se do peso que a oprimia ao recuperar a consciência. Repelia a sensação inexplicável de que algo estava errado, ao mesmo tempo que o seu cérebro procurava uma explicação. A escuridão do outono tinha, portanto, o efeito oposto. Parecia querer prolongar as sensações difíceis. Ela acendeu o candeeiro a petróleo junto à cama e dirigiu-se para a lareira. Ainda estava quente. Abraçou-a como a um amigo alto e há muito perdido, acercou-se dela de olhos fechados, deixando que as palmas das suas mãos, as suas coxas e uma face repouassem no seu calor. A palavra «oração» passou-lhe pela mente. Seria aquela a sensação de se rezar?

Foi quando ouviu alguma coisa a arranhar a janela — um som agudo.

O que foi isto?

Com passos lentos, aproximou-se da janela e tentou espreitar para o exterior. *Seriam pássaros? Talvez pegas?*

Não viu nada. Nada além das luzes exteriores da casa senhorial a cem metros de distância, duas pequenas bolas de sinalização de cabos de alta tensão, que flutuavam nas trevas.

Em momentos de escuridão como aquele, a luz do candeeiro a petróleo fazia-a sentir-se vulnerável. Não tinha cortinas que pudesse correr. Contudo, havia um prego nos cantos superiores de todas as janelas. Subiu a uma cadeira, prendeu duas camisolas de malha e tentou pendurá-las de maneira a taparem a janela mais próxima da cama. Um desastre. Não se podia esquecer de procurar um cobertor, ou um lençol, para as outras janelas.

Tirou o jornal do dia anterior da mala e enfiou-se debaixo dos cobertores. Tentou ler um artigo de opinião sobre as políticas energéticas nacionais, mas não se conseguia concentrar. As janelas observavam-na. A escuridão espreitava para o interior da casa.

Caramba. Como é que aquilo podia correr bem?

Não considerara que se poderia sentir tão exposta. Não fazia parte do plano. Bom, havia que esquecer tudo aquilo. Era chegado o momento de se concentrar em duas coisas: no trabalho e naquela tarefa vaga, premente, que ela desconfiava ter algo que ver consigo a nível pessoal.

Ninguém sabia que ela estava na quinta de Mossmarken. Ninguém exceto o seu psicólogo, que também estava fora, em viagem.

Nathalie gostava da ideia de simplesmente partir, sem avisar ninguém, para um sítio qualquer. Porque havia algo de purificador em desaparecer da habitual zona onde se vivia, como se fosse essa a derradeira liberdade.

Catorze anos antes, abandonara aquela região sem dizer uma palavra. Agora que regressara, era como se se visse ao espelho e tivesse de puxar todo o fio, de forma a deslaçar os nós e recomençar tudo.

A maior parte dos seus amigos nem se aperceberia de que não estava em Gotemburgo — eram investigadores como ela, estavam espalhados pelo mundo inteiro.

Os únicos que talvez começassem a perguntar-se onde estaria eram os seus pais adotivos. Nos últimos anos, Nathalie não fora capaz de manter uma boa relação com eles e, à medida que se contactavam menos, eles repreendiam-na mais, sobretudo Harriet, a sua mãe adotiva.

«É este o agradecimento que recebemos depois de tudo o que fizemos por ti?», dissera Harriet da última vez em que tiveram algo semelhante a uma conversa. Levaram-lhe flores pelo aniversário e Harriet não conseguira ocultar os seus sentimentos. Corara e tivera de conter as lágrimas.

Lars, o pai adotivo de Nathalie, mantivera-se sentado toda a visita. Nem sequer despira o casaco. Cofiara incessantemente o bigode enquanto fitava o chão.

«Vamo-nos embora», dissera, por fim. «Deixemo-nos disto. Ela não nos quer aqui.»

Nathalie sentira uma certa afinidade com Lars perante a sua postura cínica; porém, não sentira nada mais do que essa fugaz admiração. Nada. E Harriet apercebera-se.

Antes de se ir embora, Harriet perscrutara-a, de olhos semi-cerrados e sem qualquer sinal de empatia, e dissera numa voz entrecortada:

«Sabes que mais? És detestável. Sempre achei que te comportavas desta maneira por causa do que te aconteceu, mas já não sei se isso é verdade. Se calhar, és simplesmente assim: superficial, fria e ingrata.»

Com o robe bem apertado em redor da cintura, Nathalie sentou-se no meio do quarto, de modo a controlar e ultrapassar aquela sensação de vulnerabilidade. Espalhou um monte de documentos diante de si: os resultados das medições e experiências que realizara, até então, na Alemanha, na Holanda, na Polónia e na Dinamarca.

O *silêncio*, pensou ela ao olhar à sua volta. A cabana estava imersa em tranquilidade. Era um silêncio muito exigente. Quiçá

precisasse somente de se habituar a ele. Tentou escutar todos os sons que, apesar do silêncio, a rodeavam: uma mosca preguiçosa que zumbia pela última vez na janela da cozinha, os estalidos e o crepitar do lume na lareira, o crocitar abafado de um corvo ali próximo. Em seguida, concentrou-se nos odores. Um pouco mais difícil: lenha a arder, sabão, fuligem.

Abriu o seu diagrama de frações de nitrogénio e pensou nos desvios. Porque é que, por exemplo, encontrara valores mais altos na Alemanha do que na Polónia? Havia alguma relação com a época do ano, devia-se à natureza da zona envolvente, ou estaria relacionado com as alterações climáticas a nível mundial?

Os colegas que, noutros países, trabalhavam em questões semelhantes haviam sobretudo realizado estudos nas regiões polares, áreas extensíssimas que se encontravam quase sempre geladas. Agora, o aquecimento global levava ao degelo das referidas áreas, o que, por sua vez, originava certos processos no solo, que libertava ainda mais gases com efeito de estufa para a atmosfera. A questão estava em saber quantos gases se libertavam e como é que estes afetavam o aquecimento em geral.

Nathalie fizera parte de uma equipa de investigação nórdica que estudara o mesmo fenómeno nas regiões montanhosas da Suécia. Quando surgiu uma oportunidade de se concentrar mais concretamente nos pântanos e pauis do norte e do centro da Europa, Nathalie concorreu de imediato; e foi escolhida para o cargo.

O seu trabalho seria decerto valioso para a investigação climática, um trabalho tão importante quando cabia aos políticos tomar decisões. No entanto, só se apercebera de que não se deslocara até ali tão-somente por motivos profissionais quando agendara e planeara a sua ida a Mossmarken. Tinha as suas razões pessoais, e as suas escolhas e decisões tinham por base algo completamente diferente do que, ao início, pensara.

Por mais óbvias que lhe parecessem em retrospectiva, estas reflexões tinham-na surpreendido. Encostaram-na à parede

e certificaram-se de que, desta vez, ela lhes daria ouvidos, ou não a deixariam em paz. E conquanto não tivesse ainda ousado alcançar o âmago da sua mente, pelo menos não recuara.

Viajara propositadamente até àquele sítio desolado nas terras pantanosas entre Dalsland e Värmland.

E isso talvez fosse o mais importante.



Só saía da cabana quando precisava de tomar banho, ir buscar água ou carregar o computador e o telemóvel. Tinha de se ancorar à casa, de encontrar uma posição de partida estável antes de começar a embrenhar-se no pântano.

Assinalou, no mapa, possíveis locais de recolha de amostras preliminares. Recolheria, durante dois dias, amostras em 12 locais diferentes do pântano, de maneira a assegurar-se de que os resultados dos testes eram significativos. Depois, repetiria tudo em novembro, assim que o solo estivesse mais frio.

Nos primeiros dias, não trocou uma única palavra com quem quer que fosse. Contudo, reparou que, todas as tardes, mais ou menos à mesma hora, um homem aproximadamente da sua idade fazia jogging no trilho que passava diante da casa. Ele fitava sempre a cabana com aparente curiosidade.

Um dia, ao acercar-se da casa, o homem deparou-se com Nathalie, que regressava dos lavabos no exterior. Ele parou, apoiou as mãos nas coxas e tentou recuperar o fôlego. Ao início, fingiram não reparar um no outro, mas ele acabou por cumprimentá-la com um aceno silencioso.

— Olá — disse ele, ainda ofegante. — Vive aqui?

Ela sentiu-se encurralada. Não contava cruzar-se com ninguém, evitava ao máximo todo e qualquer contacto involuntário com o mundo exterior.

— Bem, pode dizer-se que sim — respondeu ela. — Temporariamente. Arrendei a cabana.

Ela virou-lhe costas para entrar em casa.

— Bela casa. Já agora, chamo-me Johannes — disse o homem, que ergueu a mão em jeito de cumprimento. — Posso pedir-lhe um copo de água? Se não for um incómodo... Esqueci-me de trazer a minha garrafa e estou a morrer de sede.

— Claro, não há problema. — Ela entrou em casa para ir buscar um copo, levando-lho em seguida.

— Obrigado. — Bebeu a água de um só trago e devolveu-lhe o copo. Limpou o suor do rosto com as fraldas da camisola, endireitou as costas e passou a mão pelo cabelo brilhante.

Cabelo preto, pensou Nathalie. *Bonito*.

— É agradável correr por aqui? — perguntou ela, de maneira a ter uma qualquer justificação para falar.

— É ótimo. Este sítio tem algo de... — Ele abanou a cabeça como se não encontrasse as palavras certas. — Sou estudante de Belas-Artes na escola de Fengerskog e ainda não conheci ninguém que cá tenha vindo. É ridículo. Isto é muito bonito. Mas por mim tudo bem — disse ele com um sorriso. — É bom passar algum tempo sozinho. — Fez-lhe um gesto com a cabeça. — E você? O que faz por aqui?

Nathalie hesitou. As palavras mostraram-se relutantes em sair, preferiam esconder-se ou simplesmente repousar. Estavam cansadas de cumprir os seus deveres, de se manter no eterno jogo.

Havia, no entanto, algo nele que a intrigava.

Ademais, ela não podia negar que, visto de perto, ele tinha uma pele morena e hipnoticamente macia.

Não recusaria, na verdade, uma oportunidade de a observar em segredo durante algum tempo e de refletir sobre que genes e ácidos gordos proporcionavam tais benefícios às suas células epidérmicas.

— Estou a medir os gases de efeito de estufa no pântano — disse ela, prendendo uma madeixa de cabelo encaracolado atrás da orelha. — Entre outras coisas. Ou, para ser mais correta, é o que pretendo fazer. Ainda não comecei.

— Gases de efeito de estufa? — perguntou ele. — Está a trabalhar para uma empresa?

— Não. Estou a escrever a minha tese de doutoramento. Em Biologia.

— Ah, que interessante! — O seu olhar pareceu tornar-se mais acutilante. — Adoraria saber mais sobre o assunto — disse ele após uma pausa, como que para refletir sobre a situação antes de prosseguir: — Mas não quero incomodá-la. Tenho a certeza de que voltaremos a ver-nos, corro por aqui quase todos os dias.

Ele ergueu de novo a mão e depois seguiu o seu caminho, rumo ao parque de estacionamento.

Nathalie observou os músculos das suas coxas e da barriga das pernas. *Longos e volumosos*, pensou ela. *Resistentes*.

Nos dias que se seguiram, Nathalie manteve-se dentro de casa à hora em que Johannes costumava correr no pântano. Embora evitasse as janelas, encontrava-se perto o suficiente para lhe dar uma espreitadela sem que ele desse por isso.

Uma tarde, agiu por impulso e preparou um bule de chá. Estava sentada numa das espreguiçadeiras do pátio com uma chávena quando ele passou por lá.

— Posso oferecer-lhe um chá?

Ele estacou, passou uma mão pela face e, surpreendido, franziu o sobrolho. Ao início, ela não conseguiu determinar se ele estava admirado ou se apenas achara o convite estranho, pelo que se arrependeu de lhe ter dirigido a palavra. Porém, ele disse «Com todo o gosto» e aproximou-se dela.

Ela sentiu-se excitada e um pouco nervosa quando foi buscar leite, açúcar e outra chávena. Pousou tudo na mesinha entre as espreguiçadeiras.

Johannes sentou-se com movimentos lentos, cuidadosos. Não ocupou mais do que o espaço estritamente necessário, mas também não ocupou espaço a menos. *Está aberto a tudo, nada*

a esconder, pensou Nathalie, que, ao mesmo tempo, sentiu um calafrio: *É como eu, mas ao contrário.*

Ele adicionou várias colheres de açúcar ao seu chá. Ao reparar no sorriso constrangido da sua anfitriã, riu.

— Eu sei, eu sei. O meu pai era marroquino, por isso, esta necessidade de açúcar corre-me no sangue.

O sol da tarde desceu rapidamente no horizonte quando se recostaram nas cadeiras com um certo *à-vontade* que se espelhou na conversa e no modo como se interpelavam.

— E então, como é estudar por aqui? — perguntou ela.

— É bom. Temos bons professores. Colegas simpáticos. É tudo muito sossegado, é fácil de se trabalhar aqui.

— Mas não te sentes um pouco só? Quando te fartas de estudar?

— Sim, talvez, um pouco. Mas não é difícil de arranjar o que fazer quando queremos sair. Há concertos e festas e eventos do género. — Ele virou-se para ela como se para evitar falar de si. — Mas diz-me lá: como estás a pensar fazer o teu trabalho? Como é que medes os gases de efeito de estufa?

Ela contou-lhe como pretendia recolher amostras no fim de semana. Ele escutou-a com interesse.

— Por acaso não queres companhia, ou queres? — perguntou ele. — Parece ser divertido. Gostava mesmo de ver como é que se faz. Podia ajudar-te e... transportar coisas. Ou algo assim.

Silêncio.

Ela sentiu algo retorcer-se dentro de si, um desejo enviesado entrelaçado com uma sensação crua e dura de perigo. E, além disso, pensou nas vantagens que lhe trariam duas mãos suplementares.

— Queres acompanhar-me? — perguntou ela, olhando em frente. — É claro que podes ir, porque não? Irás ajudar-me imenso, sem dúvida.



Primeiro, teria de visitar o pântano sozinha, sem Johannes, pensou ela. Precisava de enfrentar o pântano a sós, sem ninguém a acompanhá-la. Precisava também de preparar os locais de recolha de amostras. Inseriria tubos no solo em 12 locais diferentes. Depois, colocar-lhes-ia pequenas rolhas de borracha, nas quais se podia introduzir uma seringa com que extrairia os gases.

Ao contrário do que era costume, acordara tarde nessa manhã. As pancadas na sua cabeça pareceram-lhe mais fracas do que antes. Contudo, a preocupação assaltara-a, parecia vaguear-lhe pelo corpo, deslocar-se-lhe da cabeça para o estômago. Agora, ocupava-lhe todo o corpo. Sentiu-se uma toxicodependente a ressacar; porém, as suas drogas eram a repressão e a negação. *Que bem é que isto te pode fazer?*, perguntou o diabinho no seu ombro direito. *Que podes tu encontrar ali? Volta para casa.* No ombro esquerdo, não tinha um anjo — apenas um vazio. Um local eliminado. Os olhos arderam-lhe sob as pálpebras quando deu por si a pensar: *Eu.*

Demorou imenso tempo a terminar o pequeno-almoço. Abriu a porta para sentir o tempo outonal agradável, andou para a frente e para trás na cabana, escreveu uma lista de coisas de que não se podia esquecer quando saísse para fazer as medições.

Abaixo dela encontrava-se o trilho que conduzia ao pântano. Bastava-lhe segui-lo, pôr um pé diante do outro. Tão simples quanto isso. Ou assim deveria ser.

E, por fim, fê-lo, sem pensar, como quando alguém nada embora saiba que a água está fria, porque, de certo modo, é aquilo que tem de fazer, e porque depois se sente quase sempre bem.

Os pés dela no caminho. A sua carne nesta terra, de novo. O tempo entre o agora e o então comprimido na asa frágil de uma borboleta, aniquilado com algumas batidas de asa efémeras.

Seguiu, durante algum tempo, o trilho. Depois, voltou a cabeça para o pântano no local onde cinco tábuas de madeira desgastadas

cortavam, lado a lado, a paisagem numa linha comprida e angulosa. Os passadiços pareciam não ter sido alvo de grande intervenção desde que os vira pela última vez; porém, presumiu que deviam ter realizado algumas reparações.

Afinal, tinham decorrido quase 15 anos.

A luz estava opaca, e o ar, frio. O terreno era vasto e estava amarelecido, acinzentado. As árvores, que sempre considerara arqueadas, agachadas, pareciam-lhe agora curvadas numa vénia de reverência. Dobravam-se por respeito. Como se dissessem «olá». Cumprimentou-as, abriu-se com cautela, relaxou. Deixou-se levar, avançou. O tempo soltou-se da sua estrutura e colapsou, aos poucos, até se sentir parte de tudo em seu redor. Era como se se deslocasse dentro de um mosaico e as peças que constituíam o seu corpo se derretessem e formassem as peças daquilo que a rodeava.

Caminhou devagar e durante muito tempo até saltitar entre alguns tufo de erva rijos e se sentar encostada a um pequeno pinheiro.

E assim ficou sentada, opressa ao ritmo da sua própria respiração. Uma chuva miudinha começou a cair. As gotas de chuva faziam um ruído quase inaudível ao aterrar na sua gabardina, como o orvalho que, de manhã, embate numa tenda de lona. Cheirava a uma floresta sempre verde, de árvores de folha persistente. Tinha as botas cobertas de folhas meio amarelecidas de samouco-de-brabante, que, por essa altura, começavam a cair dos ramos. Pegou nalgumas folhas e esfregou-as gentilmente entre os dedos, inspirando o seu odor intenso e picante e fechando os olhos.

Decorreram alguns minutos. Talvez um quarto de hora. Depois, a névoa acercou-se dela como um animal curioso sem intenções totalmente definidas. Abriu caminho por entre o solo húmido, alcançou-lhe os pés e rodopiou à volta dela.

Como se dissesse: «Tu. És tu. Há quanto tempo!»

Ela não se mexeu, mal respirava. Manteve-se imóvel, de olhos fechados, e esperou que aquele momento passasse.

Sem que se apercebesse, saíram-lhe palavras sussurradas da boca.

— Eu sei. Demorei algum tempo. Mas, agora, estou aqui.

Em tempos, realizavam-se oferendas humanas em pântanos. Agora, há pessoas a desaparecer...

Antigamente os pântanos eram usados como locais onde se realizavam sacrifícios humanos. Por serem pobres em oxigênio, estes terrenos atrasavam o processo de decomposição dos corpos, levando à sua preservação. Há por isso quem acredite que as almas lá enterradas não conseguem encontrar descanso, atraindo até si novas vítimas.

Nathalie Nordström é uma jovem bióloga que se desloca até a um pântano no norte da Suécia para realizar uma experiência de campo. Nathalie cresceu naquela zona, mas partiu quando uma terrível tragédia se abateu sobre a sua família.

Numa noite de tempestade, um mau pressentimento leva-a até ao pântano. Lá encontra um homem inconsciente, prestes a afundar-se. A polícia começa a investigar o caso e acaba por encontrar cadáveres ali enterrados.

Estará o pântano a reclamar mais sacrifícios, como alguns habitantes locais acreditam?

«Com uma atmosfera apaixonante e habilmente construída, *O Pântano dos Sacrifícios* é sem dúvida uma das melhores e mais completas estreias literárias que irá ler.»

DAGENS NYHETER

(maior jornal matutino da Suécia)

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-00-3



9 789898 917003

Thriller